



**DESTRANSIÇÃO,
BABY**

**TORREY
PETERS**

TORDSILHAS

**DESTRANSIÇÃO,
BABY**



**DESTANSIÇÃO,
BABY**

**TORREY
PETERS**

Tradução
Luisa Geisler

TORDESILHAS

NOTAS SOBRE A TRADUÇÃO

O verbo “traduzir” vem de *traducere*, do latim: *trans* + *ducere*: conduzir através. O verbo em inglês tem etimologia semelhante: “translate”, de *transladare*. Ao se traduzir, faz-se o *translado* entre culturas, idiomas e contextos. Ainda nessa imagem, é fácil pensar que a tradução é só o destino em relação à chegada, o inglês em uma margem, e o português na outra, no caso deste livro. No entanto, a tradução acaba sendo a travessia em si, a viagem, o processo, a leitura do texto como um todo.

Aquí, a pessoa que assumiu essa viagem sou eu, Luisa Geisler, escritora e tradutora literária, mulher cis branca e bissexual. Já traduzi de livros motivacionais a Daniel Keyes, George Orwell e Joyce Carol Oates. Este texto é a minha forma de convidar todo mundo a bordo para a sala de navegação por um instante.

Trazer *Destransição*, *baby* para o português foi uma tarefa difícil. Torrey Peters é uma autora de linguagem sem gratuidades e, neste livro, nem conteúdo, nem forma se importam muito com a maneira supostamente adequada de expressar uma ideia. Há sutilezas, marcas de época, expressões politicamente duvidosas, duplos sentidos a cada esquina – um exemplo está na personagem que usa a palavra “transgênero” e a que usa “transexual”. As escolhas de Torrey guiaram as minhas, já que o papel de quem traduz não é suavizar o texto. Remover, mudar ou aliviar trechos seria como remover – mudar ou aliviar – a causticidade do original.

Em trocas de e-mail, a autora comentou que “não é tanto uma questão de gramática, mas principalmente de humanidade/ser pessoa” e, em um contexto sobre Reese, “a ideia central não é tanto seguir ‘as melhores práticas gramaticais trans’, mas que Reese consiga zoar Ames com inteligência sempre que puder”.** Torrey diz em diversas entrevistas que personagens em seus livros falam “do jeito que falo com minhas amigas”.*** Essa foi a minha bússola.

Em relação à binaridade de gênero das palavras em nosso idioma, optei por mantê-la, já que Torrey a usa à sua maneira. A própria criança-sem-sexo tem um gênero nas expectativas de Reese e Katrina. Nenhum personagem ganha o pronome “*they*”; há oportunidades de usar “*Latinx*” pelas quais a autora passa reto. O próprio Ames gira uma chave binária: homem, mulher, sempre *he* ou *she* na voz narrativa. Num idioma que permitiria mais flexibilidade, existe uma escolha.

Claro, há debates sobre potenciais soluções para pronomes, como “@”, “x”, “e” e “u” – assim como vocabulários que parte do movimento trans começou a retomar (como “travesti”). No entanto, muitos desses usos ainda estão em nichos, e outros tantos, por mais que existam na escrita, não funcionam bem na oralidade. A decisão de usar saídas mais consagradas – ou saídas ainda dentro da norma formal do português – partiu de conversas com pessoas de diversas seções (e interseções) do movimento LGBTQ. Muitas opções resultariam num acréscimo de uma camada de domesticação e de sentido que não está presente no original, além de correr o risco de alienar parte dos leitores. Em alguns casos, essa camada se torna obrigatória (por exemplo, ao tornar “*sex worker*” em “trabalhadora sexual”), mas evitei ir além e tomar decisões que a autora não tomou. Seria avançar para um território não coberto pelo mapa, em que eu precisaria de uma nova bússola de ideologias – inevitavelmente minhas.

Esta nota surge não só para situar o leitor nos desafios específicos desta tradução, mas também para agradecer a pessoas essenciais ao projeto. A

* No original: “*It’s is less a grammar question, than a personhood question*”.

** “*The point is less a ‘trans best grammatical practices’ than Reese getting to cleverly mock Ames whenever she can.*”

*** Entrevista para a *Slate*. “What Stories of Transition and Divorce Have in Common”. Lowder, Christina Cauterucci, J. Bryan, 21 jan. 2021. Disponível em: <<https://slate.com/culture/2021/01/torrey-peters-detransition-baby-interview.html>>. Acesso em: 15 set. 2021.

própria autora, Torrey Peters, mostrou disponibilidade e gentileza sem tamanho. Pessoas amigas como Natalia Borges Polesso, Samir Machado de Machado e Tobias Carvalho não só prestaram apoio moral como trocaram ideias importantes. Agradeço a toda a equipe da Tordesilhas, em especial Luiza Lewkowicz – que entendeu de imediato os cuidados que a tradução deste livro requeria. Caio C. Maia, nosso leitor sensível, e Hailey Kaas prestaram consultoria com diversos termos, seguraram minha mão quando cogitei aliviar palavras, ajudaram a cavoucar a internet dos anos 2000 e responderam a mensagens no WhatsApp no meio da madrugada. Nossa preparadora, Cai Miranda, resolveu inúmeros anglicismos e saídas “com cara de traduzidas”. São pessoas trans e profissionais brilhantes que transformaram os maiores abacaxis de linguagem em coquetéis. Todos os acertos são de Cai, Caio e Hailey.

Ao longo de uma viagem, ninguém quer ouvir o anúncio ruidoso de “olá, bom dia, você está no voo tal-e-tal com destino a...”. Chamar a atenção para o trabalho e para as pessoas envolvidas seria mais próximo de avisar aos passageiros que a aeronave está cruzando os Andes, se você quiser olhar pela sua janela. A cordilheira é o que faz Santiago do Chile ser tão mais valiosa. Espero que tenha tido um passeio agradável com a *Destransição, Baby Airlines*. Volte sempre.

*Para todas as mulheres cis divorciadas que, como eu,
confrontaram um recomeço da própria vida
sem se envolver de novo com as ilusões do passado,
mas tampouco amargurando-se quanto ao futuro.*

CAPÍTULO UM

Um mês depois da concepção

ADÚVIDA, PARA Reese: será que homens casados eram, pura e simplesmente, tentações desesperadoras para ela? Ou será que, como mulher trans, as opções de homens disponíveis se resumiam àqueles que já tinham garantido uma esposa cis e agora poderiam “explorar” com Reese? A resposta fácil, aquela que todas as amigas defendiam, era chamar os homens de cachorros. Mas aqui está ela agora, saindo às escondidas com *mais um* dos bonitos e charmosos enganadores de esposas. Olhe só para ela, de vestido preto de renda na BMW estacionada, esperando-o voltar da farmácia aonde foi comprar camisinhas. E depois ela vai deixá-lo conhecer sua casa, desviar do olhar fuzilante da amiga com quem divide apartamento, Iris, e dar para ele na colcha floral gasta que o *último* sujeito casado lhe comprou para dar um ar mais feminino e safado ao quarto para quando ele escapulia da esposa.

Reese já havia diagnosticado seu problema. Ela não sabia ficar sozinha. Fugia da própria companhia, da própria solidão. Além de dizer como homens infiéis eram horríveis, as amigas também comentavam que, depois de dois termos grandes, Reese precisava de tempo para aprender a ser ela mesma e ficar consigo mesma. Mas ela não conseguia ficar sozinha com moderação. Se lhe dessem uma semana, ela começava a se isolar, cultivando uma pilha de cinzas de solidão que se acumulava exponencialmente, até que começava a sonhar em vender tudo o que tinha e sair à deriva num barco rumo a lugar nenhum. Como um desfibrilador para manejar a própria ressuscitação, ela entrava no Grindr, no Tinder ou o que quer que fosse – e aplicava dez mil volts no seu coração, perseguindo a aventura com o maior risco de drama e taquicardia que encontrasse. Homens casados eram os melhores para fugir da solidão, porque eles também não sabiam ficar sozinhos. Homens casados eram especialistas

em estar junto, em não soltar o osso não importava o que acontecesse, até que a morte os separe. Com a desculpa de estabelecer os limites de “só um caso”, Reese mergulhava superfundo, superforte. Dizendo para si mesma que seria só um casinho, ela se permitia realizar todos os fetiches com os quais o cara tivesse sonhado, desenterrava todas as mágoas secretas que ele carregava, rebaixando-se das formas mais luxuriosas, depravadas e insustentáveis – e então colapsava em ressentimento, tristeza e asco por aquilo ter sido apenas um casinho; afinal, ela não tinha sido corajosa e vulnerável o bastante ao mergulhar superfundo, superforte?

Ela se achava atraente, de rosto arredondado e formas cheias, mas não fingia que era de parar o trânsito; tampouco notava, com frequência, pessoas parando para admirar os frutos da sua mente. Mas com o tipo certo de homem, ela era puro brilhantismo para criar drama – que ela conseguia destilar e acender como combustível de foguete quando a solidão começava a gelar seus ossos.

O homem da vez era parecido com os anteriores. Um alfa bonito, casado, que a colocava na coleira no quarto. Só que esse era melhor, porque era um caubói-transformado-em-advogado HIV positivo. Ele tinha um gosto por garotas trans, e sua soroconversão aconteceu quando ele traiu a esposa com uma mulher trans, *e ainda por cima* a esposa ficou com ele, *e agora* ele estava repetindo a cena com Reese. *Ebaaa!*

— Você estava dando ou algo assim? — Reese perguntara no primeiro encontro.

— Não, porra — ele disse. — Os médicos disseram que eu tinha uma chance em dez mil de contrair o vírus com outra pessoa me chupando. Você imagina que tem dez mil boquetes acontecendo a cada minuto, mas aquele um em dez mil foi o meu. E, também, ela me pagou vários boquetes.

— Claro — disse Reese, que sabia que a explicação não era real, mas tinha concordado só para se certificar de que ele não tentaria ser passivo com ela. Menos de uma hora depois, eles estavam no quarto de Reese, ele confessando de quem pegara o HIV e onde. Menos de duas horas depois, Reese o convencia a falar sobre a decepção da esposa, sobre como ela não queria deixá-lo colocar uma criança na barriga dela, mesmo com o HIV tendo baixado a níveis indetectáveis. Ele descreveu o quanto ela odiava os tratamentos de fertilização *in vitro*, como a natureza clínica desse tipo de coisa a lembrava de novo e de novo do que ele havia feito para colocá-la na mesa fria de um médico em vez da cama marital quentinha.

— Eu estou sendo mais íntimo com você do que é meu costume — disse o caubói, parecendo surpreso consigo mesmo, ainda que apertasse os peitos de Reese. — Deve ser o poder da xana.

— Você até pode conseguir a minha xana — ela respondeu, deleitando-se e imitando o sotaque de caubói —, mas uma mulher boa vai escarpelar a sua alma.

— E não é? — ele repetiu o sotaque. Levou uma mão à nuca dela e puxou seu rosto para perto. Ela suspirou e amoleceu.

Seus olhos fixaram-se nele como se fossem de vidro.

— Vamos fazer assim — disse ele —, primeiro, eu vou virar dono da sua xana... — Ele pausou e, com a mão ainda na nuca dela, empurrou o rosto de Reese fundo no travesseiro devagar e com firmeza. — Aí a gente vê sobre a minha alma.

Agora ele desliza para dentro do carro, trazendo uma sacolinha de papel cheia de lubrificante e camisinhas, e um tremor de animação corre pelo estômago de Reese.

— A gente precisa mesmo disso hoje de noite? — ele pergunta, levantando a embalagem. — Você sabe que eu vou querer te engravidar.

Esse era o motivo pelo qual ela ainda o aguentava: ele entendia. Com ele, ela havia descoberto um tipo de sexo que era realmente perigoso. Mulheres cis, ela supunha, se esfregavam num frisson de perigo a cada vez que transavam. O risco, a emoção, de que poderiam engravidar – uma única foda para foder (ou abençoar?) suas vidas. Para as mulheres cis, Reese imaginava, o sexo era um jogo à beira de um precipício. Mas, até encontrar seu caubói, Reese nunca tivera o prazer daquele perigo em particular. Só agora, com o HIV, ela havia encontrado um análogo para aquilo que podia mudar a vida de uma mulher cis. O caubói podia comê-la e marcá-la para sempre. Ele podia comê-la e acabar com ela. O pau dele podia obliterá-la.

Sua carga viral era indetectável, ele disse, mas ela nunca pediu para ver exame nenhum. Isso mataria a doçura e o perigo da situação. Ele também gostava de se arriscar, insistindo para colocar algo nela, engravidá-la com uma semente viral. Fazê-la ser mamãe, seu corpo o anfitrião de uma vida nova, parte dela, mas, ao mesmo tempo, algo diferente, como uma eternidade materna.

— A gente concordou em sempre usar camisinha. Você disse que não queria carregar o peso na consciência — ela disse.

— Sim, mas isso foi antes de você começar a usar o anticoncepcional.

A primeira vez que ela chamou o PrEP, Profilaxia Pré-Exposição, de “anticoncepcional” foi em um restaurante chinês no Sunset Park, onde ele se sentia seguro de que nenhum dos amigos de sua esposa poderia esbarrar neles. A ideia surgiu na mente dela como uma piada, mas ele a olhou e disse:

— Porra, o meu pau ficou muito duro agora.

Ele gesticulou pedindo a conta, disse que ela não iria ao cinema naquela noite e a levou direto para casa para jogá-la de cara na colcha florida. Na manhã seguinte, ela mandou a mensagem erótica mais sexy – e também mais ostensivamente não sexual – de sua vida: um vídeo curto dela enfiando suas grandes pílulas azuis de Truvada num desses estojos clássicos para anticoncepcional estilo um-por-dia, em forma de concha de cor pastel. Dali em diante, as “pílulas anticoncepcionais” se tornaram parte da vida sexual deles.

Havia outro motivo, além do estigma, do tabu e da erotização, para Reese se sentir atçada com o tipo particular de roleta-russa que eles faziam: ela realmente queria ser mãe. Queria isso mais do que tudo. Ela havia passado toda a sua vida adulta com gente LGBTQ, consumindo os relacionamentos radicais, o poliamor e os papéis de gênero que circulavam nesses grupos, mas mesmo assim sua imagem de mulher ideal nunca se afastara daquelas mães boazinhas de Wisconsin que tinham povoado sua infância. Ela nunca perdera o fervor secreto de crescer e se tornar uma delas. Imaginava na maternidade uma maneira de fugir da solidão e da carência, porque lhe parecia que mães nunca ficavam, de fato, sozinhas. Não importava que as experiências de amor incondicional materno e paterno – tanto a dela quanto as de seus amigos e amigas trans – sempre tivessem se revelado terrivelmente condicionais.

Talvez tão importante quanto isso, como mãe, ela se via, enfim, recebendo o caráter de mulher que suspeitava que as deusas de sua infância tomassem por obrigação natural. Ela já havia se encaminhado a isso uma vez. Estivera em um relacionamento lésbico com uma mulher trans chamada Amy – uma mulher com um bom emprego na área de tecnologia e que se transformara tanto em um estereótipo suburbano apresentável que, quando falava, você imaginava as palavras se desenhando com a fonte clássica das revistas de Martha Stewart. Com Amy, Reese havia chegado o mais perto de uma vida doméstica que ela imaginava ser possível para uma garota trans – a confiança e o tédio e a estabilidade que agora pareciam tão opacos quanto um sonho lembrado logo depois de acordar. Elas tinham até um apartamento em frente ao Prospect Park – o tipo de espaço claro e bem-arejado que evidenciava bom

gosto e respeitabilidade robusta, tanto que a ideia de mostrar a casa às agências de adoção se tornara um dos menores obstáculos à maternidade.

Mas agora, três anos depois, com o hodômetro de Reese estalando na metade de seus trinta anos, ela começava a pensar no que chamava de Problema *Sex and the City*.

O Problema *Sex and the City* não era um problema só de Reese, era um problema para todas as mulheres. Mas, ao contrário de milhões de mulheres cis antes dela, nenhuma geração de mulheres trans havia chegado a solucioná-lo. O problema podia ser descrito da seguinte forma: quando uma mulher começa a se perceber envelhecendo, a missão de tirar algum sentido da própria vida se torna cada vez mais urgente. Uma necessidade de se salvar ou de ser salva, conforme as alegrias da beleza e da juventude vêm com cada vez menos efeito. Mas Reese argumentava que, na busca pelo sentido – apesar das mudanças trazidas pelo feminismo –, as mulheres ainda dispunham de apenas quatro opções principais para se salvar, as quais eram representadas pelos arcos narrativos das quatro personagens femininas de *Sex and the City*. Encontre um parceiro e seja uma Charlotte. Tenha uma carreira e seja uma Samantha. Tenha um filho e seja uma Miranda. Ou, enfim, expresse-se na arte ou na escrita e seja uma Carrie. Cada geração de mulheres inventava essa fórmula de novo e de novo, Reese acreditava, combinando e retorcendo, mas nunca, de fato, escapando dela.

Ainda assim, para cada geração de mulheres trans anterior à de Reese, o Problema *Sex and the City* era uma ambição. Apenas as mulheres trans mais raras, mais passáveis, mais bem-sucedidas tinham a oportunidade de confrontá-lo. O resto estava barrado de todas as quatro opções desde o começo. Sem emprego, sem amantes, sem bebês e, ainda que mulheres trans pudessem servir de musas, ninguém queria arte em que elas falassem por si. E, assim, as mulheres trans caíam numa espécie de Sem-Futurismo – e, apesar de certos outros grupos LGBTQ celebrarem a ironia, a alegria e os túmulos nos quais pessoas LGBTQ frequentemente acabam cedo demais, aquela disparada rumo a se tornar Sem-Futuro parecia muito mais glamurosa quando o belo cadáver deixado para trás era uma escolha voluntária e selvagem em vez de uma probabilidade estatística.

Quando Reese morava com Amy, ela própria aspirava ao Problema *Sex and the City*. Parecia radical, como mulher trans, luxuriar-se contemplando o quão burguesa ela gostaria de ser. Parecia ser um sucesso que ninguém escolhesse isso por ela. E aí Amy destransicionou e tudo foi por água abaixo.

Agora a falta de futuro começava a entrar de novo no horizonte, pelas beiradas. Agora Reese tirava sua alegria própria dos prêmios de outras mulheres e transformava vírus em bebês.

— Tá bom — diz ela, depois de andarem no carro por cerca de dez minutos.

— Tá bom o quê?

— Tá bom. Vamos ver se você consegue me engravidar.

— Sério?

— Sério. — Seu caubói começa a dizer algo, mas ela o interrompe. — Só que, se a gente vai fazer isso, você vai ter que começar a me tratar melhor. Você tem que me tratar como a mãe dos seus filhos.

Ele estende o braço para beliscar a lateral de Reese.

— “Mãe dos meus filhos”? Por favor. Você não quer esse título. Se eu for te engravidar, o que você vai querer ser é a adolescente de dezesseis anos da parte ruim da cidade. Você quer que todo mundo saiba que é porque você é uma piranha dada. — Ela se retorce, desviando do beliscão.

— Eu estou falando sério. Me trate melhor. — Ele franze a testa, mas mantém os olhos na estrada.

— Tá. Tudo bem. Vou te tratar melhor. Vamos comer — ele diz, freando num sinal vermelho.

— Mesmo? — Eles estavam indo rumo à vizinhança dela, em Greenpoint, e, com frequência, ele se recusava a comer com ela naquela região. Ele conhecia gente demais que morava ali. Uma vez ela o forçou a ir a um buffet vegano do lado de casa, e ele mal fez contato visual o tempo todo. Em vez disso, seu olhar disparava para a porta sempre que alguém entrava. Depois, ela passou a deixar que ele a levasse de carro para o Sul da cidade, ou, às vezes, para o Queens. Nunca Manhattan, nunca Williamsburg, locais em que sua esposa tinha sua vida social.

Mas agora ela diz que ele pode comê-la sem camisinha e todas as regras vão para o espaço. Reese sente um momento de satisfação. Seu corpo é a maior das cartas na manga.

— Mesmo — responde ele. — Você podia dar um pulo em algum lugar e pegar alguma coisa pra levar.

Claro. Para levar. Com ele esperando no carro. Ela assente com a cabeça.

— Pode ser. O que você vai querer?

* * *

No restaurante tailandês, ela não pede nada para si. Ele ama curry com níveis de pimenta beirando o incomestível na Escala Scoville. Ela não. Ela vai comer alguma coisa em casa depois que ele for embora. Ela está olhando o Instagram quando seu telefone toca, um número que ela não reconhece, um código de área de fora do estado. Seu caubói usa o Google Voice para que as mensagens de Reese não apareçam na casa dele, no iPad que sua esposa às vezes pega emprestado, e o Google, com frequência, envia as chamadas por números estranhos.

Ela aperta o botão verde de atender e aproxima o telefone da orelha.

— Eu peguei curry verde com carne pra você, cinco estrelas de pimenta — ela diz, em vez de cumprimentar.

— Gentileza sua, mas não sei se você ainda lembra, eu sempre fui meio fresco para temperos. — Uma voz masculina. Morna e suave, mas nada do sotaque arrastado do seu caubói, que ele, de alguma forma, não perdera mesmo morando em Nova York há anos. Reese baixa o telefone, checa o número.

— Quem é?

O tom do homem muda, não exatamente se desculpendo, mas convidativo.

— Reese. Oi. Desculpa, é o Ames.

Ela consegue ver seu caubói lá fora, dentro do carro, o brilho do telefone iluminando os óculos que ele só usa para ler. Ela vira de costas como se ele pudesse entreouvi-la através das janelas do carro, da vitrine do restaurante, por cima do barulho da cozinha e da conversa dos clientes.

— Por que você está me ligando, Ames? Eu achei que a gente tinha parado de se falar.

— Eu sei.

Ela espera, aperta os lábios. Consegue ouvi-lo respirar. Ela quer obrigá-lo a falar primeiro.

— Eu não estou ligando pra incomodar — ele prossegue. — Eu estava esperando conseguir uma ajuda sua.

— Uma ajuda minha? Eu não sabia que tinha sobrado algo de mim pra você pegar.

Ele pausa.

— Pegar de você? — Sua perplexidade parece honesta. Esse era o problema dele. Ele não enxergava o tanto que ele a havia levado a perder. — Talvez eu mereça essa. Mas eu juro que eu não estou ligando por causa disso. É quase o oposto.

— Eu estou num encontro. Minha comida já vai chegar. — Ela sabe que é vingativo dizer isso. Mas não consegue evitar. Ele a pegou de surpresa, e ela quer tanto retribuir o favor quanto provar que sua vida seguiu em frente.

— Posso ligar depois?

— Não, você tem até a minha comida chegar pra se explicar.

— Tem um homem nos olhando falar?

— Eu estou pegando comida pra levar. Ele está esperando no carro. — Um tamborilar de satisfação toca no peito de Reese. É óbvio que, por mais que Ames possa ter antecipado essa conversa, Reese o tirou dos eixos.

— Ok — ele diz. — Eu queria explicar com calma, mas vamos fazer do seu jeito. Lembra como você sempre quis ter um bebê comigo? Que a gente estava se planejando pra isso?

Algo de errado deveria estar acontecendo para ele ligar para falar desse assunto. Ele não era do tipo que machucava as pessoas para se divertir, e certamente sabia que uma pergunta dessas, feita de forma tão direta, iria feri-la. Ela se sente idiota por ter dito que estava num encontro.

— Você ainda gostaria? De um bebê, no caso? — A pergunta termina num tom elevado, como se ele estivesse com algum medo da sua própria audácia por tê-lo dito.

— É claro que eu ainda quero um bebê, porra — ela explode.

— É muito bom ouvir isso, Reese — ele diz. Seu tom é de alívio.

Ela o conhece tão bem que quase consegue imaginar o corpo dele relaxando.

— Porque aconteceu uma coisa. Mesmo depois de tudo, você é a pessoa em quem mais confio pra falar disso. Em nome de tudo que a gente teve, por favor, por favor, posso te ver? Eu preciso muito falar com você, muito mesmo.

— Você vai ter que me contar mais do que isso, Ames.

Ele exala.

— Está bem. Eu engravidei uma mulher. Eu vou ter um filho.

Reese não consegue acreditar. Ela não consegue acreditar que Ames ligou para contar que tinha conseguido a coisa que ela tão desesperadamente queria. Ela fecha os olhos, conta até cinco.

A garçonete atrás do balcão larga um saco de papel e gesticula que é o pedido dela. Mas Reese não percebe. Seu caubói, seu curry verde com cinco estrelas de pimenta, o anticoncepcional que ele vai lhe dar mais tarde – tudo se perdeu. Em algum lugar, de alguma forma, Amy fez o impossível: ela conseguiu um bebê.

Katrina está sentada na cadeira de rodinhas na frente da mesa de Ames. O momento tem um clima de inversão incomum. Visto que ela é sua chefe, é quase sempre Ames quem vai ao escritório dela e se senta na frente da mesa. A sala dela, conforme suas respectivas posições na hierarquia empresarial, tem o dobro da metragem quadrada da dele, com duas janelas de parede inteira, com vista para os dois edifícios vizinhos e, entre eles, um trecho do East River. Em contraste, o escritório de Ames tem uma só janela e vista para um pequeno estacionamento. Uma vez, no pôr do sol, ele viu uma criatura marrom trotando feliz pela calçada – e desde então afirma que era um coioote urbano. Cada um se alegra com o que tem.

Katrina revira uma série de documentos, pega uma pasta marrom e a atira na escrivaninha dele. A visita dela ao escritório de Ames o deixa tenso como um adolescente cujos pais entraram no quarto.

— Bom — diz ela. — É verdade. Vai acontecer. — Ele puxa a pasta. Ele tem boa postura e lhe lança um sorriso tranquilo. A pasta se abre para revelar impressões do site de uma clínica. — Minha gineco — diz Katrina, observando-o. — Ela deu seguimento com um exame de sangue e um pélvico. Ela confirmou o resultado do teste que eu fiz em casa. Sem fazer um ultrassom, ela não sabe definir com quantas semanas eu estou, então agendei um pra quinta-feira, não nessa, mas na outra. Quer dizer, eu sei que você talvez não saiba como se sente com isso, mas quem sabe vir junto possa te ajudar? Se eu estiver com mais de quatro semanas, a gente vai conseguir ver o bebê... ou, sei lá, o embrião?

Ele sabe que ela está examinando-o, buscando uma reação. Ele não conseguiu reagir depois do positivo do teste de gravidez. Ele sente a mesma dormência que sentiu naquele momento, só que agora ele não pode mais enrolar dizendo que quer esperar uma confirmação oficial antes de se envolver emocionalmente.

— Ótimo — ele diz, e tenta um sorriso mas receia estar fazendo uma careta. — Acho que é real, então! Em especial agora que a gente tem... — Ele procura uma frase por um instante, e arranja: — ... todo um dossiê de evidências.

Katrina se ajeita para cruzar as pernas. Ela está usando saltos plataforma casuais. Ele sempre nota suas roupas, em parte por admiração, em parte pelo hábito de acompanhar o que está acontecendo no mundo da moda feminina.

— A sua reação tem sido difícil de ler — ela diz com cuidado. — Não sei, eu achei que talvez se você visse algo definitivo eu conseguiria avaliar como você estava se sentindo de verdade. — Ela pausa e engole em seco. — Mas ainda não consigo. — Ele vê o esforço necessário que ela precisa fazer para reunir tanta assertividade.

Ele se levanta, dá a volta e se recosta na escrivaninha, bem na frente de Katrina, sua perna tocando na dela.

Ele vira as impressões. Há uma lista de resultados de exames, mas ele não consegue decifrá-los. Seu cérebro entra em curto-circuito quando cruza os dados que aparecem com clareza – ele será pai – com os dados que ele tem armazenados em seu coração: ele não deveria ser pai.

Três anos se passaram desde que Ames parou de tomar estrogênio. Ele aplicou sua última dose no trigésimo-segundo aniversário de Reese. Reese, sua ex, ainda mora em Nova York. Eles não se falam há dois anos, apesar de ele ter enviado um cartão de aniversário no ano passado. Nenhuma resposta. Ao longo do relacionamento, ela sempre falou com segurança a respeito de como teria um filho antes dos trinta e cinco. Até onde ele sabe, não foi o caso.

É apenas agora, três anos depois do término, que Ames consegue falar sobre Reese com casualidade, chamando-a de “minha ex” e seguindo adiante com a conversa. Porque, na verdade, ele ainda sente tanto a sua falta que falar dela e pensar nela continuam sendo práticas perigosas – do mesmo jeito que um alcoólatra não pode pensar muito em como gostaria de tomar só uma tacinha. Quando Ames pensa muito em Reese, ele se sente abandonado e fica bravo, melancólico e, o pior de tudo, envergonhado. Porque ele tem dificuldade de explicar exatamente o que ainda quer dela. Por um tempo, ele pensava que queria romance, mas seu desejo já perdeu qualquer tom erótico. Em vez disso, ele sente um tipo parental de saudades, da maneira que ele sentiu saudades e se sentiu traído por sua família biológica quando cortaram relações com ele nos primeiros anos da transição. Seu sentimento de abandono fisga um nervo mais fundo e mais adolescente do que um amor romântico rejeitado na vida adulta. Reese não havia sido apenas sua amante, ela havia sido algo como sua mãe. Ela o ensinara a ser mulher... ou ele aprendera a ser mulher com ela. Ela o encontrara num estágio inicial e plástico, uma segunda puberdade, e o moldara conforme seus próprios gostos. E agora ela havia partido, mas as marcas de suas mãos permaneciam, de modo que ele nunca poderia esquecê-la.

Ele não compreendera o quão pouco sentido fazia *como indivíduo* sem Reese até depois de ela começar a desligar-se dele, até que sua ausência se tornou tão dolorosa que ele começou, mais uma vez, a querer a armadura da masculinidade e, de maneira um pouco atropelada, destransicionou para vesti-la por completo.

Então agora, três anos tinham passado com ele vivendo mais uma vez em um corpo dependente de testosterona. Ainda que sem as pílulas ou injeções, Ames acreditava ter usado bloqueadores por tempo suficiente para atrofiar seus testículos até o ponto da esterilidade irreversível. Foi o que ele disse a Katrina quando transaram pela primeira vez, na noite da Bebedeira de Páscoa anual da agência. Ele disse que era estéril – não que havia sido uma mulher transexual com bolas atrofiadas.

Ames folheia os papéis na pasta marrom que Katrina lhe trouxe. Sob as impressões da médica há outras, que parecem vir de tópicos do Reddit.

— O que é isso?

Ela leva a mão à barriga. Está lisa, sem arredondamento algum, mas ela já se porta como uma grávida.

— Bom, eu sei que você disse que era estéril. Eu estava dando uma pesquisada, e a vasectomia é, tipo, 99% eficaz, mas eu achei uns sites com discussões de homens que ainda assim engravidaram mulheres...

Ele levanta a mão:

— Peraí. Eu nunca disse que fiz vasectomia.

O escritório dele, como todas as salas enfileiradas ao lado, tem apenas uma parede de vidro para separá-lo do corredor. É o último da fila, ao lado de uma alcova em que ficam escondidos a copiadora, o bebedouro, a cafeteira e uma pequena cozinha equipada com – graças a uma campanha recente do departamento de recursos humanos – apenas lanches saudáveis e orgânicos. O trânsito de colegas no corredor é constante ao longo do dia. Ele não consideraria seu escritório como o local perfeito para se expor como um ex-transexual.

— Não? Mas a gente não usa camisinha há meses, e esse tempo todo eu achei... O que você quis dizer, então? Tipo uma baixa contagem de sêmen?

— Eu tive níveis de testosterona muito baixos por um tempo. — Ele se esforça para manter uma voz casual, resistir ao nervosismo que o faz querer baixá-la. — E durante esse tempo meus testículos atrofiaram, e meu médico me disse que meu sêmen nunca voltaria a ser viável.

Quando Ames fez a primeira consulta para conseguir uma prescrição de estrogênio, encontrou um endocrinologista idoso e gentil, que havia passado a acolher pacientes trans não por causa de um interesse particular em questões de gênero, mas porque pacientes trans, em suas palavras, ficavam “tão felizes de vir me ver para o tratamento”. A maior parte dos outros pacientes do médico sofria de desordens hormonais que os deixava emocionalmente voláteis. Depois de descobrir a gratidão trans, o endócrino lotou a agenda com tantas pessoas transexuais quantas conseguiu achar.

Ames, que nunca havia feito acompanhamento psicológico para pessoas trans e não tinha nada da papelada que os guardiões dos hormônios tendiam a requerer, passara as semanas anteriores à consulta se agitando com a possibilidade de o endócrino decidir que ele não era “trans de verdade”, lhe negando os hormônios. Ao ouvir que o médico valorizava ser valorizado, Ames irrompeu em gratidão, e devidamente saiu com uma receita para estrogênio. Na consulta seguinte, o endócrino confessou:

— Talvez, na última consulta, eu tenha prescrito um pouco rápido demais. Eu deveria ter falado mais sobre esterilidade. — Ele contou a Ames que a esterilidade permanente se estabeleceria nos primeiros seis meses de terapia de reposição hormonal e recomendou um banco de sêmen.

No dia seguinte, Ames reuniu muita coragem e fez a ligação. Ele não queria pensar na ideia de ser pai, aquela última pluma na ponta do chapéu da masculinidade, mas se forçou a ligar mesmo assim. Uma recepcionista do outro lado da linha elencou valores anuais para armazenamento de sêmen semelhantes ao que ele pagava pela TV a cabo, o que lhe parecia um preço razoável para preservar a viabilidade de sua futura linha genética. A recepcionista pediu que aguardasse enquanto ela marcava uma data, e, com Vivaldi tocando na linha de espera, Ames se perguntou se deveria cancelar a assinatura da HBO para conseguir pagar o banco de sêmen. Ele não entendia completamente o imenso peso da paternidade e da sucessão geracional, mas entendia muito bem o quanto não queria cancelar a HBO.

Sem ponderar mais, ele desligou. Quando seus mamilos começaram a doer na primavera seguinte, ele imaginou que já fosse tarde demais de qualquer forma. Quanto mais seus mamilos doíam, menos ele sufocava com o pavor que acompanhava a ideia de ser pai. Agora, com Katrina sentada em seu escritório, pela primeira vez em muito tempo, ele tinha que pensar na possibilidade de ter gerado uma criança. Em breve, muito em breve, ele seria

chamado para tomar algum tipo de decisão, que levaria a outras decisões, gerações de decisões causadas por essa decisão.

— Seus testículos atrofiaram? — pergunta Katrina, perplexa. — Mas eles me pareceram normais!

— Pois é — concorda ele. — Quer dizer, eles não são enormes nem nada.

— Não, não são enormes — afirma ela. — Mas são de bom tamanho! — acrescenta para encorajá-lo.

Do outro lado da parede de vidro do escritório, Karen, do departamento de arte, pausa no corredor para abrir uma barrinha de granola. Ames, de súbito, se dá conta de que ele e Katrina estão casualmente falando sobre suas bolas no meio de um dia de trabalho.

Os colegas haviam fofocado sobre Katrina logo que Ames entrara na agência: divórcio feio. Ela havia abandonado o marido alguns meses antes de Ames fazer a entrevista. Ela chorava na própria sala, contaram os colegas, e depois falava para a secretária não lhe encaminhar as chamadas do marido. Ele a traía, explicou um deles. Não, não, ela teve um aborto espontâneo. Errado, disse um terceiro, eles tiveram problemas de dinheiro. A especulação ganhava um tom tanto lúrido quanto compulsório – ter uma chefe é tão comum que mal se nota como é estranho, ainda que a estrutura force um culto de personalidade ao redor até mesmo dos gerentes mais banais. Como subordinado, o sujeito precisa montar uma epistemologia de como foi que a chefe veio a se apossar da sua preciosa autonomia. Uma compreensão básica das mecânicas arbitrárias do capitalismo não satisfaz – o coração demanda uma explicação humana. Ou ao menos foi isso que Ames disse para justificar seu *crush* inicial por ela.

Ainda assim, ao longo daquele primeiro ano em que Ames trabalhou para Katrina, ela manteve sua vida particular desta forma: em particular. Em vez de falar de seu divórcio, Ames intuía. Ele notava a leve mágoa e exasperação que pendiam dela, a angústia quase adolescente e a disposição para testar ideias ruins, o que resultava num aspecto meio “ah-que-se-foda” com o seu trabalho e uma honestidade direta com seus empregados.

Ela desenvolvera uma suspeita visceral de narrativas comuns. Os anódinos clientes corporativos que visitavam a agência de vez em quando recebiam uma ou duas ideias um pouco mais sombrias e experimentais para suas campanhas de marketing on-line, enfiadas no meio da função convencional. Dadaísmo para a campanha da água sanitária Clorox. Desespero ciborgue para as pilhas Anker. Uma série de anúncios no rádio para as rações Purina em

que Jon Lovitz mirava na nostalgia dos anos 1990 ao reprisar seu papel cult como o crítico Jay Sherman, fazendo resenhas negativas de diversos filhotes de cachorro. Isso a tornava boa em seu trabalho. Ames interpretava sua tendência a “renarrativizar” como algo induzido pelo divórcio.

Quando já estavam bastante envolvidos, depois de terem transado diversas vezes, ela trouxe o assunto à tona. Eles estavam na cama dele, de lado, um encarando o outro, ele apoiado em um cotovelo, ela com o rosto descansando em uma das franhas verde-floresta, seu cabelo castanho e reluzente escorrendo da cabeça para o travesseiro e para a cama. A luz de cabeceira atrás dela iluminava os focos mais externos de seu rosto: por instinto, ele ainda prestava atenção em curvas de sobrancelhas.

— Sei que o pessoal no escritório provavelmente te contou do aborto — ela disse. — Eu fui idiota e falei disso com algumas pessoas. Contar qualquer coisa pra Abby é um erro. — Ele riu, porque, sim, Abby era fofoqueira. — Quando você se divorcia — ela disse depois de um momento —, todo mundo espera que você venha com uma história pra justificar a situação. Todas as minhas conhecidas que se divorciaram tinham uma história pra se explicar. Mas, na vida real, a história e os motivos reais divergem. Na realidade as coisas são mais ambivalentes. As minhas próprias razões são mais como um tom do que como uma série de causas e efeitos. Mas eu sei que as pessoas querem uma causa e efeito quando eu vou falar do divórcio, um *porquê* que seja claro.

— Certo — Ames disse. — Então qual foi o tom do seu divórcio?

— Eu gosto de chamar de o Tédio da Heterossexualidade.

— Sei. Você ainda padece do tédio da heterossexualidade? — Ames perguntou, gesticulando grandiosamente para o cenário pós-coito do quarto.

— Eu sofri um aborto espontâneo — ela respondeu em desafio, perfurando a ironia dele.

Ames se desculpou de imediato.

Katrina moveu um travesseiro e, quando se virou de volta para Ames, o rosto dela parecia... entretido?

— Olha só, você provou o que estou dizendo. Quando eu falei “tédio da heterossexualidade”, você me desafiou, mas quando eu falei “aborto espontâneo”, você se desculpou na hora. É por isso que o aborto é a história oficial do meu divórcio. Ninguém nunca contesta. Abortos são privados, então o meu aborto é um passe livre. Ele cria um divórcio em que o Danny não teve culpa: um pesar em que você perde algo que não consegue nomear muito

bem. As pessoas imaginam que o luto criou um penhasco de tristeza entre um casal: culpa de ninguém. As pessoas supõem tudo. Ninguém nunca me pergunta como eu, de fato, me senti com o aborto.

— Como você se sentiu com o aborto? — Ames perguntou.

— Eu me senti aliviada.

— Aliviada?

— Isso. Eu me senti aliviada. O que fez com que eu me achasse uma psicopata. Eu li um monte de artigos em revistas femininas sobre abortos espontâneos e todos diziam que eu iria sentir pesar e culpa. Eles garantiam que não era minha culpa, que não era por causa daquela taça de vinho que eu bebi nem daquele sanduíche italiano imenso cheio de carne processada. Mas eu nunca achei que fosse minha culpa. Minha culpa era de não sentir culpa. Depois de um tempo me sentindo assim, comecei a me perguntar por quê. Por que eu me sentia aliviada? Aquilo me fez olhar com mais cuidado pro meu casamento. Eu estava aliviada por causa de uma coisa que eu não queria admitir: eu não queria mais ficar com o Danny, e, se a gente tivesse um filho junto, eu seria obrigada. O Danny foi um bom namorado de se ter quando eu era mais jovem, quando a gente estava na faculdade. Tipo, da mesma forma que um são-bernardo seria um bom cachorro de se ter caso você se perdesse nas montanhas. Um corpo grande e amável pra uma garota se esconder atrás. O Danny se adequava à ideia que herdei, talvez por ter crescido em Vermont, daquilo que um homem deveria ser. A gente ficava bem junto; tipo, eu sempre soube que qualquer foto do nosso convite de casamento iria parecer saída de uma revista. Então quando ele me pediu em casamento, eu aceitei, apesar de que a gente estava namorando por dois anos e acho que o sexo nunca tinha durado mais que quinze minutos, contando as preliminares, além do fato de que, quando a gente chegou ao terceiro mês da relação, eu tinha, sei lá como, acabado encarregada de lavar a roupa dele. Uma vez — ela seguiu —, eu brinquei que o meu casamento era um sutiã com enchimento: era bonito embaixo da blusa, mas você sabe que é só um efeito do bojo e, no fim do dia, mal consegue esperar pra arrancar aquela bosta. As minhas amigas riam, mas eu gelava, porque me dava conta de que, sem querer, eu tinha contado a verdade, e ela era horrível.

Ames escutava. Uma vez ela lhe dissera que gostava de como ele não parecia sentir necessidade de falar ou de dar conselhos quando ela estava pensando em voz alta.

Katrina tirou os brincos e os colocou na mesinha de cabeceira.

— O Danny e eu, a gente estudou na Dartmouth com um casal, o Pete e a Lia. Quando eles se mudaram de Seattle pra Nova York, eles fizeram um negócio de convidar outros amigos casados para assistir a *Cheers* e comer torta. Os casais eram o tipo de gente que gostava de fazer escalada e se descrevia como “amante da gastronomia”. Todo mundo, exceto por mim, era muito, mas muito, branco. Assistir a *Cheers* era parte da ironia hipster esquisita deles. Todo mundo debochava daquela política sexual dos anos 1980, como se a gente fosse melhor que aquilo tudo, como se a gente tivesse avançado muito desde aquela época. O pegador Sam Malone e a aspirante a feminista, que era frígida mas, secretamente, louca por um pau, como é que era? Ai, não consigo me lembrar do nome dela.

— Diane — disse Ames.

— Isso, a Diane. Eu me lembro de uma noite, foi logo depois de eu perder o bebê... quando o programa começou, todos os homens meio que se enrolaram nas próprias esposas, e cada esposa se aninhou contente nos braços do seu marido. Esses casais de bichinhos. E, do nada, todos eles pareciam macacos catando piolho uns nos outros. Eu fiquei enojada. E o Danny, dava pra ver que ele estava jogado naquele sofá em L, abrindo os braços para eu poder me colocar neles como todas as outras esposinhas. Mas eu não fiz isso. Eu fiquei sentada, dura, do lado dele no sofá, com um palmo de distância entre nós. Os nossos amigos puseram *Cheers* e a gente assistiu a homens e mulheres dizendo coisas horríveis uns para os outros e riu como se não fosse o que a gente também fazia. Ou faz.

— Sim — disse Ames, assentindo com a cabeça.

— E, durante toda a sessão — Katrina prosseguiu —, o Danny ficava me olhando de canto com uma expressão magoada. Tenho certeza de que ele não sabia o que era pior: o que eu pensava ou o que todos os nossos amigos pensavam. Mas eu não me importei. Não tinha nada no mundo que pudesse me induzir a ligar pros sentimentos dele naquele momento. E naquele momento eu culpei Danny por me destruir. Por me transformar numa psicopata. Os meus pensamentos estavam focados nele como se eu estivesse dando facadas com as minhas ideias. De novo e de novo, me vinha uma frase: *se você não me irritasse, eu não estaria contente de ter perdido o bebê.*

“Eu não achava justo nem lógico, mas entendia que vinha me sentindo daquele jeito há muito tempo. Eu nunca tinha nem ousado colocar essas ideias em palavras. Foi só que alguma coisa a respeito da soberba daquela situação toda que liberou aquilo, ter que ser a macaquinha de colo dele enquanto a gente fingia ser evoluído.”

Katrina cortou a própria história com uma risada sem alegria.

— E também, acho que foi nessa época que eu encontrei a coleção secreta de pornografia de asiáticas dele.

— Ele tinha uma coleção secreta de pornografia de asiáticas?

— Um monte no computador e uns DVDs tipo *Asiáticas do anal* ou qualquer coisa assim.

— Sei lá — Ames disse. — Se eu fosse uma mulher asiática e o meu marido tivesse uma coleção de pornografia de asiáticas, talvez eu me sentisse elogiada. Pelo menos quer dizer que eu sou atraente pra ele.

— Não quer dizer, não — ela disse. — Você não entende. Quer dizer que você começa a ter umas suspeitas formigantes de que, depois de tudo que vocês passaram juntos, anos aprendendo a ser adultos juntos, o homem com que você se casou talvez só esteja com você porque ele tem um fetiche por asiáticas... Apesar de eu nunca ter me sentido asiática o suficiente minha vida inteira. Ele nem conseguia me fetichizar direito.

— Como se chama esse tipo de homem? — Ames perguntou.

— Como assim?

Ele puxou os cobertores sobre o corpo, subitamente com frio. Teve a sensação de entrar às cegas numa tempestade de inverno e agora se descobrir sobre um lago congelado, mas com uma camada muito fina de gelo. Ele estava pensando numa palavra que conhecia de outro contexto.

— Tipo... há... um *tranny chaser*. Um travequeiro. Como se chama um cara que tem fetiche por asiáticas?

Ela o avaliou com um olhar estranho.

— Arrozeiro — ela disse com frieza. — Em Vermont, quando eu estava crescendo, as crianças viam meu pai e minha mãe... O jeito preferido deles pra me xingar era dizendo que meu pai tinha febre amarela.

De repente Ames notou que ela achava que ele estivera perguntando sobre si mesmo. Ela achava que ele queria saber qual era o xingamento que ele merecia por ter dormido com ela. Ele segurou um desejo esmagador de protestar horrorizado. De lhe dizer: *meu deus, não, eu nunca pensaria que transar com alguém seria o bastante para me dar um rótulo...* *Eu só realmente entendo o que é ser fetichizada. Eu entendo como é ter alguém que pensa que me desejar é humilhante.*

Mas, mesmo naquele momento, uma confissão dessas seria arriscada demais. E se a revelação de que ele já havia sido uma transexual significasse nunca mais ir para a cama com ela? E se significasse o fim da relação profissional dos dois? Não, era melhor esperar o momento oportuno.

De vez em quando, Ames examinava Katrina e imaginava como seria contar a ela. Como ela reagiria. Quando ficava sozinho, ele dizia a si mesmo que, talvez, quem sabe, ela até fosse curtir. Que talvez o motivo mais profundo de seu divórcio com Danny tivesse sido sexual. Que ainda que ela não fosse exatamente LGBTQ... ela tampouco estava totalmente interessada numa vida de casal hétero.

Falando sério, ela era maluca na cama. O sexo deles era mais selvagem do que ele havia imaginado na época do *crush*. Na primeira vez que se pegaram, ambos estavam bêbados e houve dinâmicas hétero bastante típicas. A primeira transa – que aconteceu duros de sóbrios, ao meio-dia, uma semana depois, quando ela tirou um dia para “trabalhar de casa” e o mandou, como seu funcionário, fazer o mesmo – já havia sido, decididamente, um pouco desviada.

Na cozinha dela, ela tinha aberto a geladeira e se inclinado para pegar algo. Seu corpo visto de trás, junto com a densa tensão sexual, o fez se afundar até ficar de joelhos e ele em parte beijou, em parte aconchegou o rosto naquela bunda com jeans apertado. Ela olhou de volta da geladeira, com uma expressão de quase preocupação, ao mesmo tempo que levava a mão para trás e pegava um punhado do cabelo dele.

— Tem certeza de que você fica bem com isso? — ela perguntou. — Se os gêneros estivessem trocados e um homem mandasse uma funcionária tirar o dia de folga e ir visitá-lo, eu ficaria indignada.

Ela estava com os dedos enrolados no cabelo dele enquanto perguntava, então ele não conseguiu afastar a cabeça e acabou respondendo para sua bunda, com a boca falando a dois centímetros da nádega direita como se fosse um microfone.

— Confia em mim, eu estou adorando — ele disse para a bunda. — Eu estou no paraíso. Eu sempre tive uma quedinha por mulheres mandonas. Transar com a minha chefe de verdade é tipo desbloquear um nível secreto de tesão. Você tem o meu consentimento ou o que for, só por favor me deixa ficar com a cara aqui.

— Você acha que eu deveria mandar mais em você nessa história, é isso?

Ele ergueu os olhos para ela, incapaz de acreditar na sorte que tinha. Encontrar uma mulher mandona que já estava literalmente no comando dele? Era como ganhar na loteria.

— Sim — ele disse. — Por favor.

— Certo. — Ela riu e se virou, de modo que o nariz dele ficou alinhado à sua virilha. — Me faz um PowerPoint sobre por que eu deveria deixar você ficar aí embaixo com a cara na minha buceta. — Ele fechou os olhos, inalou com alegria; nascia uma consciência reluzente de que essa brincadeira a excitava tanto quanto a ele, e isso começou a romper uma camada da calcificação que viera se encrustando em sua libido e, por extensão, em seu coração e, por extensão, em sua vida.

No dia seguinte, ela lhe enviou um e-mail quando ambos ainda estavam no escritório. *Sigo esperando aquele PowerPoint que discutimos. Quando será entregue?*

Ele não tinha certeza se deveria responder de forma aberta. Lá estava ele, com todas as suas credenciais LGBTQ secretas, e essa mulher hétero divorciada o havia pegado de surpresa. E isso, é claro, era excitante num grau tão insano que, por um segundo, ele pensou em procurar um banheiro vazio para bater uma. *HAHAHA*, ele respondeu com fraqueza.

Não, falo sério. Quero que você apresente seus slides para mim até o fim do expediente de terça-feira. Se atrasar, vou fazer você apresentá-los numa sala de conferências. A escolha é sua.

Copyright © 2020 by Torrey Peters

Copyright © 2021 Tordesilhas

Título original: *Detransition, baby*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

PREPARAÇÃO Cai Miranda

LEITURA SENSIVEL Caio C. Maia

REVISÃO Franciane Batagin | Estúdio FBatagin e Laura Folgueira

CAPA Rachel Ake a partir de arte de Moopsi/Shutterstock

1ª edição, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Peters, Torrey

Destransição, baby / Torrey Peters ; [tradução Luisa Geisler]. -- São Paulo :
Tordesilhas, 2021.

Título original: *Detransition, baby*

ISBN 978-65-5568-041-6

1. Famílias - Ficção 2. Ficção norte-americana 3. Mulheres transgênero - Ficção
4. Pessoas transgênero - Ficção I. Geisler, Luisa. II. Título.

21-78003

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

2021

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br

blog.tordesilhaslivros.com.br



/TordesilhasLivros



/TordesilhasLivros



/Tordesilhas



/eTordesilhas

Disponível em:

Livro físico: ISBN 978-65-5568-041-6

E-book: ISBN 978-65-5568-042-3

Este livro foi composto com as famílias tipográficas
Garamond para os textos e Elephant para os títulos.
Impresso para a Tordesilhas Livros em 2021.



Foto: Natasha Gornik

TORREY PETERS é uma autora americana que cresceu em Chicago e atualmente vive no Brooklyn, Nova York. Em 2021, foi indicada ao Women's Prize for Fiction com seu romance de estreia *Destransição, baby*. É graduada em Artes e Literatura Comparada pela Universidade de Iowa e pela Dartmouth College, respectivamente.

**Um romance sobre três pessoas – trans e cis –
cujas vidas colidem quando uma gravidez inesperada
as força a confrontar seus desejos mais profundos
sobre gênero e parentalidade.**

Reese tinha quase tudo o que sempre desejou: uma relação estável com Amy, um apartamento em Nova York, um trabalho que ela não odiava. Tinha conquistado o que gerações anteriores de mulheres trans apenas sonharam: uma vida mundana, banal e confortável. A única falta que sentia era de uma criança. Porém sua namorada, Amy, destransicionou de gênero e tornou-se Ames, fazendo tudo desmoronar. Agora Reese está em um ciclo autodestrutivo: para evitar a solidão, dorme com homens casados.

Ames também não está feliz. Ele pensou que a vida ficaria mais fácil ao destransicionar e viver como homem novamente, entretanto, essa decisão custou seu relacionamento com Reese – o que significou perder sua única família. Apesar de a relação amorosa ter acabado, ele busca um caminho de volta para ela. Quando sua chefe e amante, Katrina, revela que está grávida dele – e que não tem certeza se quer o bebê –, Ames se pergunta se não seria essa a chance pela qual ele estava esperando. Poderiam os três formar uma família não tradicional e criar o bebê juntos?

Neste provocativo romance de estreia, caminhamos pelo sinuoso, vulnerável e confuso terreno da feminilidade, no qual boas intenções não são o bastante. Torrey Peters percorre de forma brilhante e destemida os mais variados tabus: de gênero, de sexo e de formas de relacionamentos, resultando num enredo original, espirituoso e comovente.

“Se eu tivesse a habilidade de apagar minha memória por um momento, usaria para reler *Destransição, baby* como se fosse a primeira vez.”

– **EMMA SPECTER**, *Vogue*

978 65 5568 041 6



TORDESILHAS